

JÚLIA DE ALBUQUERQUE VIOLATO

**REDE SARAH E APAE:  
ABORDAGEM EM ARTE NO ENSINO ESPECIAL**

Brasília – DF  
2013

JÚLIA DE ALBUQUERQUE VIOLATO

REDE SARAH E APAE:  
ABORDAGEM EM ARTE NO ENSINO ESPECIAL

Trabalho de conclusão do curso de Artes Plásticas, habilitação em licenciatura, do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília.

Orientador: Profº Luiz Carlos Pinheiro Ferreira

Brasília – DF  
2013

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
**INSTITUTO DE ARTES**

JÚLIA DE ALBUQUERQUE VIOLATO

BANCA EXAMINADORA

---

Profº Me. LUIZ CARLOS PINHEIRO FERREIRA - Orientador  
(IDA/UnB)

---

Profª Me. LUISA GÜNTHER  
(IDA/UnB)

---

Profª Me. LISA MINARI  
(IDA/UnB)

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	5
<b>1. JUSTIFICATIVA .....</b>	<b>7</b>
<b>2. DESENVOLVIMENTO</b>	
<b>2.1. Contexto histórico do Ensino Especial no Brasil.....</b>	<b>14</b>
<b>2.2. Educação, Inclusão e Ensino Especial .....</b>	<b>15</b>
<b>2.3. Arte na Ensino Especial .....</b>	<b>17</b>
<b>3. METODOLOGIA</b>	
<b>3.1. Artes como experiência: Rede SARAH, uma possibilidade de         reabilitação.....</b>	<b>21</b>
<b>3.2. Artes como experiência: APAE, uma possibilidade de inclusão . .....</b>	<b>27</b>
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	32
REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS .....	34
 ANEXOS	

## INTRODUÇÃO

O propósito dessa pesquisa é refletir sobre o Ensino Especial no contexto da disciplina de Artes Visuais. Nessa perspectiva, a experiência artística desenvolvida na disciplina de Artes Visuais é vista como meio de incluir o portador de necessidades especiais (PNE) na sociedade formando um indivíduo atuante, crítico, criativo e autônomo de suas ideias e de seu senso estético.

O desejo de investigar o assunto surgiu a partir de uma experiência pessoal que tive com meu irmão mais velho na Rede SARAH de Reabilitação, onde se iniciou, em 2006, o meu interesse pelas Artes Visuais e o Ensino Especial.

Após um acidente no mar, em 2004, meu irmão sofreu uma lesão na medula espinhal que resultou em uma tetraplegia. Durante o período de reabilitação na Rede SARAH, conheci a professora Cláudia Simas que ministra aulas de artes para os pacientes. Nesse período, estava no processo de escolha do curso superior e o contato com essas aulas teve papel determinante para minha decisão. Sempre tive muito interesse pelo desenho e durante o ensino médio as aulas de história da arte me interessavam muito mais do que as outras matérias. O contato com as aulas no Sarah, fez com que eu escolhesse o curso de Licenciatura em Artes Visuais, oferecido pela Universidade de Brasília.

Dentro da Universidade e no contexto de formação do Curso de Licenciatura em Artes Visuais, vivenciei inúmeras disciplinas relevantes, entre elas as disciplinas obrigatórias de Estágio Supervisionado, que foram realizadas em escolas públicas de Brasília. Na última disciplina obrigatória de Estágio Supervisionado, decidi desenvolver minha prática pedagógica na APAE<sup>1</sup>. Desse modo, o contato com

---

<sup>1</sup> APAE – Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais.

PNE's, me levou a escolher o tema de educação em arte para pessoas portadoras de necessidades especiais como trabalho de conclusão de curso.

Neste trabalho de conclusão de curso será apresentado no primeiro momento uma contextualização sobre a educação em arte no Ensino Especial no Brasil. Em seguida, será abordada a experiência de arte no contexto do Ensino Especial.

Posteriormente, será estudada, mais especificamente, minha vivência com o ensino de artes visuais no ambiente hospitalar da Rede SARA, com a professora Cláudia Simas, e também na APAE, com a professora Suzana Elisa, com quem realizei a disciplina de Estágio Supervisionado 3.

Nesse sentido, a pesquisa visa apontar dois pólos referenciais, um envolvendo o ensino da arte como reabilitação e o outro o ensino da arte como matéria curricular, sendo a arte, em ambos os casos, um fator de inclusão e integração.

## 1. JUSTIFICATIVA

Meu interesse por Artes Visuais se iniciou, desde cedo, com aulas de desenho e pintura que eu fazia como matéria extra curricular. No Ensino Médio, comecei a ter aulas de artes, e tive muita afinidade com o conteúdo de história da arte que era apresentado. No momento de escolher o curso superior, tive algumas incertezas e dúvidas. O fator que contribuiu para que eu tomasse minha decisão na escolha do curso foi o contato com as aulas de artes que pude vivenciar na Rede SARAH.

Em 2006, dois anos após meu irmão Daniel ter, aos 22 anos, sofrido um acidente no mar e ficado tetraplégico, começou a minha relação com pessoas portadoras de necessidades especiais, com Artes Visuais e com Ensino Especial. Em razão desse acidente, meu irmão foi internado na Rede SARAH de Reabilitação. No primeiro momento, ele havia sido internado no SARAH Centro, para tratar úlceras de pressão adquiridas logo após os primeiros socorros em hospital do Rio de Janeiro (primeiro local em que ficou internado após o acidente). Em abril de 2006, ele foi admitido na unidade do Lago Norte da Rede SARAH para dar início ao processo de reabilitação. Os pacientes com tetraplegia<sup>2</sup> são admitidos com acompanhante, pois esse tipo de lesão requer cuidado e atenção maiores do que no caso de pacientes com paraplegia, capazes de executar muitas atividades do dia-a-

---

<sup>2</sup> Segundo o SARAH “lesão medular traumática ocorre quando um evento traumático (...) resulta em lesão das estruturas medulares interrompendo a passagem de estímulos nervosos através da medula. A lesão pode ser completa ou incompleta. A lesão é completa quando não existe movimento voluntário abaixo do nível da lesão e é incompleta quando há algum movimento voluntário ou sensação abaixo do nível da lesão”(Em: [http://www.sarah.br/paginas/doencas/po/p\\_08\\_lesao\\_medular.htm](http://www.sarah.br/paginas/doencas/po/p_08_lesao_medular.htm)). Na tetraplegia, a lesão geralmente ocorre na região cervical da medula espinhal e resulta no comprometimento dos quatro membros e do tronco, além do comprometimento no controle do esfíncter urinário e do esfíncter fecal.

dia com certa independência. Por isso, fiquei responsável por acompanhar meu irmão durante as duas semanas de internação que faziam parte do programa de reabilitação que o SARAH oferece.

Durante as semanas da internação, os pacientes do SARAH reaprendem a lidar com as atividades cotidianas como: escovar os dentes, vestir a roupa, passar da cadeira de rodas para a cama de forma prática e que não demande tanto esforço físico do acompanhante ou do paciente, entre outras atividades que façam parte da vida do paciente. Em resumo, desenvolvem práticas para evitar lesões nos atos cotidianos, contribuindo para que a pessoa possa ter uma vida independente dentro do possível. Neste programa de reabilitação os pacientes também fazem aulas de educação física e fisioterapia para exercitar a musculatura e coordenação.

Dentre essas atividades, existe a aula de arte. Nesse momento, comecei a ter uma proximidade mais significativa com pessoas, como a professora Cláudia, que pensam a arte e a educação em outro contexto que não o da sala de aula convencional. O trabalho da professora de artes visuais me impressionou muito, pois ela busca formas de integrar e de incluir o PNE na atividade artística. O paciente não é tratado apenas como um observador ou apreciador de arte. O paciente faz parte do processo artístico. Ele não é um observador passivo do conhecimento transmitido, ele aprende, técnicas de desenho, pintura, colagem e, baseado no que é ensinado, cria um objeto de arte. Nada parece ser impedimento para a criação artística e com alguma criatividade e esforço do paciente, da professora e de outros profissionais do SARAH, novas ferramentas são criadas e dessa forma, novas formas de desenhar, pintar e esculpir são apresentadas, sempre respeitando as limitações e os interesses de cada um. Também não é esquecido que essas pessoas estão inseridas em um ambiente hospitalar que demanda certos cuidados especiais. Nesse contexto, o paciente deixa de ser visto como alguém que vive a margem da sociedade e é aceito como uma pessoa capaz de conhecer e criticar o mundo ao seu redor.

Dentro do SARAH, existe uma equipe multidisciplinar de profissionais capacitados para lidar com as várias demandas que o PNE possa vir a ter no dia-a-dia. Além dos médicos, enfermeiros, fisioterapeutas, nutricionistas existe uma equipe responsável pelo desenvolvimento de instrumentos adaptados utilizados pelos



pacientes. Essa equipe desenvolve, dentro da oficina do SARA: camas adaptadas, cadeira de rodas, almofadas, suporte para colocar escova de dentes, barbeador, colher, pincel, entre outros objetos indispensáveis ao cotidiano.

Tive a oportunidade de conhecer pessoas que não tinham os braços e por isso tinham que pintar ou desenhar com os pés ou tetraplégicos que tinham movimentos limitados dos membros superiores, mas que conseguiam fazer pintura digital. Toda ferramenta criada ou adaptada pode ser levada pelos pacientes para suas casas para poderem dar continuidade aos seus trabalhos.



Figura 1. Adaptação para mão. Fotografia: Acervo Foto Imagem Sarah (In SIMAS,2012).

Acompanhei parte do processo de realização de uma exposição de arte visual feita com trabalho de todos os pacientes e que aconteceu dentro das instalações do Hospital. Pude notar que a arte não era apenas um passatempo, algo para distraí-los do cotidiano de suas vidas com limitações, era uma possibilidade de se comunicar e de ser incluído dentro da sociedade, de dizer o que sentiam ou até mesmo de humanizar o ambiente hospitalar em que viviam, pois os trabalhos desses artistas são expostos por todo o hospital. Foi essa possibilidade de inclusão um dos motivos que me impulsionou a estudar Licenciatura em Artes.



Figura 2. Hall de entrada do Hospital SARAH Lago Norte, 2007 (In SIMAS, 2012)



Figura 3. Exposição "Obstáculo Zero", 2006 (In SIMAS, 2012)

Após o período de internação no SARA, meu irmão deu continuidade ao curso de Direito na UnB que havia começado no semestre anterior ao semestre do acidente. Depois de formado, passou em um concurso público, tirou carteira de motorista e hoje vive uma vida muito próxima a vida que levava antes de sofrer o acidente.

Ao longo do curso de Artes cursei as disciplinas obrigatórias de Estágio Supervisionado 1, 2 e 3. Nos dois primeiros estágios, conheci escolas públicas de Brasília inseridas no sistema regular de ensino. Somente no Estágio 3, optei por dar aula na APAE. A turma em que atuei era composta por alunos de várias faixas etárias e com problemas cognitivos e físicos diversos. Eles cursavam a 4ª série do Ensino Fundamental. A experiência com esse público foi muito diferente daquela que tive com o público da educação formal. Pude perceber que cada aluno tem um tempo de desenvolvimento diferenciado, independente de apresentar alguma necessidade de atendimento especial ou não. Dessa forma, o foco do ensino não deve ser a deficiência, pois a dificuldade de aprendizagem pode existir em qualquer indivíduo. Os esforços devem ser direcionados à aprendizagem em si, sem negar a deficiência, mas orientando o olhar para além da limitação.

A deficiência não é impedimento, mas um obstáculo que pode ser vencido, como qualquer outro obstáculo que possa existir na Educação Regular. Vygotsky, um dos primeiros teóricos a trabalhar Ensino Especial, aponta que o objetivo da escola “não consiste em adaptar-se ao defeito senão superá-lo” (apud PEREIRA; TACCA, 2010, p. 9). A educação deve acontecer no sentido de superar as dificuldades focando na aprendizagem, não no defeito.

O interesse em levar esse estudo como tema para o trabalho de conclusão do curso se deve ao fato de ter enxergado que a educação é um direito de todos, garantido pela Constituição Federal, porém, essa garantia ainda encontra muitos obstáculos, e que existem poucos profissionais que trabalham com esse público. Durante o curso de Licenciatura, tive pouco contato especializado em lidar com esse tipo de ensino e penso que o interesse pelos que são excluídos do processo educativo ainda é um desejo muito distante, sobretudo, no contexto do Ensino Especial. Desse modo, e repensando a fala de Vygotsky, pude viver experiências onde a dificuldade era vista como adaptação, ou melhor, como superação, pois o

sujeito, que por consequência de um acidente passa a viver uma outra realidade, precisa inicialmente adaptar-se a esta nova realidade, no entanto, penso que o maior passo está justamente em superar esta condição.

Em um de seus trabalhos, Vygotsky, aponta que “a criança cujo desenvolvimento está complicado por um ‘defeito’ não é em si uma criança menos desenvolvida, antes se apresenta desenvolvida de um modo qualitativamente diferente”(In PEREIRA;TACCA, 2010, p. 7). Estudar maneiras de incluir o PNE na sociedade é fundamental para que tenhamos uma sociedade que respeita o direito e as diferenças de cada um. Por meio da arte, essa inclusão pode ocorrer em virtude de um trabalho significativo e determinado, principalmente, em contextos como o da Rede SARAH e da APAE.

Nesse sentido, gostaria de apontar que ao longo desse trabalho, abordarei os termos Ensino Especial<sup>3</sup> e Educação Inclusiva. Essas duas definições encontram semelhanças quando tratam de educar pessoas marginalizadas pela sociedade: tanto o PNE quanto o morador de rua, por exemplo, vivem a margem da sociedade e são excluídos de certos direitos (educação e saúde) os quais são garantidos a pessoas que não apresentam qualquer problema físico.

Dito isso, o Ensino Especial , segundo a Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação – CNE/CEB, é entendida como:

“(…) um processo educacional definido por uma proposta pedagógica que assegure recursos e serviços educacionais especiais, organizados institucionalmente para apoiar, complementar, suplementar e, em alguns casos, substituir os serviços educacionais comuns (...)”. (Art.3, 2001)

Já Educação Inclusiva é entendida pela Secretaria de Ensino Especial do Ministério da Educação, como um movimento mundial:

“(…) uma ação política, cultural, social e pedagógica, desencadeada em defesa do direito de todos os alunos de estarem juntos, aprendendo e participando, sem nenhum tipo de discriminação. A educação inclusiva constitui um paradigma educacional fundamentado na concepção de

---

<sup>3</sup> Dentro da Ensino Especial estão inseridas as pessoas com altas habilidades e superdotação, mas este tipo de necessidade especial não será abordada nesse trabalho.

direitos humanos, que conjuga igualdade e diferença, como valores indissociáveis, e que avança em relação à ideia de equidade formal ao contextualizar as circunstâncias da produção da exclusão dentro e fora da escola”(MEC/SEESP, 2007, p. 1)

Dessa forma, Ensino Especial é uma modalidade de ensino voltada para o atendimento especializado dos alunos que necessitam de atendimento educacional especial. O atendimento especializado busca minimizar barreiras que impeçam a participação dos alunos no processo educativo. A Educação Inclusiva, por sua vez, procura criar alternativas para superar práticas pedagógicas discriminatórias que enfatizam o acesso a educação para um grupo privilegiado. O Ensino Especial na perspectiva da Educação Inclusiva deve ser praticada dentro da educação regular para que seja minimizada a ênfase nos aspectos relacionados à deficiência, e dessa forma democratizar o acesso a educação.

## 2. DESENVOLVIMENTO

### 2.1. CONTEXTO HISTÓRICO DO ENSINO ESPECIAL NO BRASIL

A institucionalização do Ensino Especial no Brasil aconteceu no século XIX, com a criação do “Imperial Instituto dos Meninos Cegos” (hoje “Instituto Benjamin Constant), em 1854, e o “Instituto dos Surdos-Mudos”(hoje, “Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES), em 1857, ambos no Rio de Janeiro. Em 1926, é fundado o Instituto Pestalozzi e em 1954 é fundada a APAE como resposta à ineficiência do Estado em promover políticas públicas que garantissem a inclusão dos portadores de necessidades especiais na sociedade e a um ensino de qualidade (MEC/SEESP, 2007).

Em 1948, por iniciativa de Augusto Rodrigues, Lúcia Alencastro Valentim e Margareth Spencer, foi criada o “Movimento Escolinhas de Arte”. Sustentada pelas teorias do filósofo e teórico de arte Herbert Read, a justificativa usada pelos fundadores das Escolinhas de Arte era que a necessidade de se ensinar arte para as crianças tinha como objetivo a livre expressão por meio do desenho, da pintura e da escultura. Com o apoio da Sociedade Pestalozzi<sup>4</sup>, fundada por Helena Antipoff, e a APAE, a Escolinha de Arte do Brasil teve, desde o início, foco no Ensino Especial (Em:

[http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia\\_ic/index.cfm?fuseaction=marcos\\_texto&cd\\_verbete=3757](http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=marcos_texto&cd_verbete=3757).)

---

<sup>4</sup> A Associação Brasileira de Assistência e Desenvolvimento Social – ABADS(antiga Pestalozzi de São Paulo) é uma instituição Filantrópica de utilidade pública que atende crianças e jovens com deficiência intelectual e autismo nas áreas de saúde, educação e emprego apoiado

Em 1961, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional aponta o direito dos portadores de necessidades especiais à educação, preferencialmente dentro do sistema geral de ensino. Em 1973, o MEC criou o Centro Nacional de Educação Especial objetivando um tratamento especial para esse grupo de pessoas. Em 1988, o ensino especial tornou-se obrigatório e entrou em vigor com a Constituição Federal que garante “atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino”. (art.54 inciso III).

A partir da década de 90, o conceito de necessidades especiais se tornou abrangente e passou a incluir pessoas com dificuldade temporária ou permanente de ir a escola. Após a Declaração de Salamanca<sup>5</sup>, (1994, p.2) começou-se a falar sobre Educação Inclusiva.

A Resolução CNE/CP nº 1/2002, que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, define que as instituições de ensino superior devem prever formação docente voltada para a atenção à diversidade e que contemple conhecimento sobre as especificidades dos alunos com necessidades educacionais especiais (MEC/SEESP, 2007).

## 2.2. EDUCAÇÃO, INCLUSÃO E ENSINO ESPECIAL

“A deficiência não precisa ser um obstáculo para o sucesso. Durante praticamente toda a minha vida adulta sofri da doença do neurônio motor. Mesmo assim, isso não me impediu de ter uma destacada carreira como astrofísico e uma vida familiar feliz”.

Stephen W Hawking

Segundo o Relatório Mundial sobre a deficiência, criado pela Organização Mundial de Saúde, mais de um bilhão de pessoas no mundo possuem algum tipo de deficiência e nos próximos anos a previsão é de que esse número aumente devido ao envelhecimento das populações.

---

<sup>5</sup> A Declaração de Salamanca é um documento elaborado na Conferencia Mundial sobre Educação, em Salamanca, Espanha, em 1994, com o objetivo de fornecer diretrizes básicas para a formulação e reforma política e sistemas educacionais de acordo com o movimento de inclusão social.

Essas pessoas são marginalizadas e seu acesso a saúde, transporte, educação, entre outros direitos, são negados e agravados no caso de comunidades pobres. A deficiência é cada vez mais considerada uma questão de direitos humanos.

Todo o sujeito tem sua própria modalidade de aprendizagem e seus meios para construir o próprio conhecimento. Essa qualidade de todos os indivíduos, com ou sem deficiência, deve ser valorizada e respeitada. Cada um tem o seu próprio tempo para aprender. No caso do Ensino Especial, esse tempo pode ser mais longo dependendo da deficiência. Uma pessoa com dificuldade de locomoção, por exemplo, não tem a capacidade de aprender prejudicada em comparação com uma pessoa com Síndrome de Down, mas para ambas, o acesso a educação de qualidade muitas vezes é negado.

No que se refere a educação de pessoas com necessidades especiais, a inclusão se torna fator determinante para que exista uma educação de qualidade tanto para o PNE quanto para a pessoa que não apresente algum tipo de necessidade de atendimento especial. É a partir da inclusão de pessoas com diferentes níveis de desenvolvimento que se cria um ambiente de aprendizagem dinâmico em que a pessoa com uma determinada habilidade é capaz de ensinar outras pessoas que ainda não conseguiu adquirir essa habilidade. Ao colocar pessoas com algum grau de dificuldade de aprendizagem em um ambiente com pessoas que não possuem essa dificuldade, está sendo criado um ambiente dinâmico de aprendizagem, onde a pessoa que sabe, ensina a pessoa que não sabe. Essa interação com parceiros mais experientes é chamada por Vygotsky de “zona de desenvolvimento proximal”.

Em sua teoria interacionista, Vygotsky defende que funções mentais complexas são formadas a partir da interação contínua entre as mutáveis condições sociais e a base biológica do comportamento humano. O processo de internalização de um conhecimento ocorre por meio das interações sociais, mas este processo não é linear, a apropriação é particular e varia de indivíduo para indivíduo, principalmente, no sentido da construção do conhecimento. A teoria sócio-interacionista de Vygotsky ajuda a compreender o aluno não a partir de suas



deficiências, mas a partir de suas possibilidades de desenvolvimento levando em conta as influências sociais, culturais e educacionais.

Uma vez que o processo de aprendizagem não é linear e não acontece da mesma forma para todos e depende do contexto cultural no qual a pessoa está inserida, cada indivíduo tem um desenvolvimento singular. É importante, antes de tudo, saber como a pessoa se desenvolve. A avaliação do desenvolvimento da pessoa que apresenta alguma deficiência não pode ser feita de forma quantitativa, mas qualitativa, pois cada ser apresenta um processo distinto de aprendizagem.

Em se tratando da educação regular, para que esta se torne inclusiva é necessário que o professor e a instituição de ensino a atribuam novo significado à sua prática, um currículo adaptado e funcional que se ajuste a cada sujeito, com metodologias condizentes à realidade escolar, de modo que, o Ensino Especial não seja realizado apenas por escolas especializadas. A inclusão plena implica a construção de um projeto de educação que contemple inúmeros aspectos, como gestão e organização escolar eficaz e formação continuada de docentes. Para que ela aconteça, é preciso que os currículos estejam adaptados respeitando a diversidade dos alunos sem privar o direito de ter acesso ao mesmo conteúdo oferecido no ensino regular. Todos são capazes de aprender, desde que haja motivação e uma metodologia de trabalho que atenda às necessidades de cada indivíduo. Para a professora Suzana Elisa da APAE/DF “todos os indivíduos tem potencial. Não existe perfeição. Tudo arruma. O desafio de aprendizagem é momentâneo.” (Anexo I). Cabe ao professor ser mediador, provocando situações de aprendizagem.

### 2.3. ARTE NA ENSINO ESPECIAL

A construção do conhecimento não acontece somente através de processos mentais e intelectuais. A sensação, a percepção e a imaginação também contribuem para que o indivíduo apreenda o mundo em que vive. É por meio da sensação que reconhecemos os estímulos do ambiente. A percepção é a atribuição de significado

aos estímulos. A imaginação “é um reflexo criativo da realidade” (DAVIS e OLIVEIRA, 1994, p. 70), é a maneira como a pessoa interpreta e representa o mundo em que vive. Por meio da arte, essas habilidades são plenamente trabalhadas no indivíduo. Ao fazer o desenho de uma casa, por exemplo, o indivíduo se baseia na sua interação física com o mundo (sensação), por meio da percepção coloca essa casa em alguma categoria e por meio da imaginação pode reinterpretar o símbolo da casa e dessa forma se expressar, se comunicar com o mundo. Dessa forma, a arte ajuda o homem a entender a realidade em que vive: interpretando, significando e transformando o mundo. Essa possibilidade de compreender o mundo e que é dada a maior parte dos indivíduos saudáveis, muitas vezes é negada ao PNE. Em maior ou menor grau, todos somos capazes de interpretar o mundo e nos deve ser dado o direito de nos comunicar com esse mundo.

Em contrapartida, FERRAZ e FUSARI (1993) afirmam que o aspecto cognitivo da arte não deve ser visto como fator diferencial do porque se ensinar arte, pois outras atividades humanas também possuem essa característica. Segundo as autoras, a arte não se resume a conhecimento, mas é também execução e realização. O que a diferencia das outras atividades humanas é que a arte não é só o fazer, é invenção de objetos novos, ela é “um tal fazer que, enquanto faz, inventa o por fazer e o modo de fazer(...). A arte é, portanto, um fazer em que o aspecto realizativo é particularmente intensificado, unido e um aspecto inventivo” (FERRAZ;FUSARI, 1993, p.103).

Quanto ao aspecto moral da arte, não só no que se refere a forma como se aprende ou ensina, para John Dewey, esta tem função moral de “eliminar o preconceito, retirar os antolhos que impedem os olhos de ver, rasgar os véus decorrentes do hábito e do costume, aprimorar a capacidade de perceber” (DEWEY, 2010, p.548). Esse aspecto moral de eliminar preconceitos se faz necessário para que se crie uma sociedade em que o diferente é aceito. Para este autor, o indivíduo aprende por si só, por meio de suas experiências particulares e por meio do trabalho manual que proporciona problemas concretos a serem solucionados. Nesse sentido, o que ocorre na Rede Sarah esta em consonância com os conceitos de Dewey, sobretudo, pelo aspecto da criação de objetos que podem auxiliar os pacientes para

um novo recomeço, principalmente, ao repensarem suas experiências anteriores em relação ao hoje.

A Arte é muito mais do que apenas um conteúdo cultural e ensinar arte é ensinar ao indivíduo a se expressar visualmente e adquirir inteligência visual para saber interpretar os signos presentes no nosso mundo. Dessa forma, o trabalho feito pela APAE, contribui para que o aluno entenda o lugar em que vive e possa, dessa forma, efetivar a sua participação na sociedade. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais, a educação em arte favorece o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar sentido à experiência humana: o aluno desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação, seja no momento de realizar formas artísticas, seja na ação de apreciar e conhecer as formas produzidas por ele e pelos colegas, pela natureza e nas diferentes culturas (PCN:Arte, 1998). Essa interação com outras pessoas e suas produções artísticas pode transformar a pessoa em um ser tolerante e compreensível das ideias, dúvidas ou angústias do outro.

Herbet Read, autor do livro *Education Through Art* (1954) formulou a tese da arte como base para a educação. Para ele, ensinar por meio da arte teria como objetivo ajustar os sentimentos e emoções subjetivas do indivíduo ao mundo objetivo. Ele não se ocupou somente da educação visual, mas de todas as formas de expressão individual, afirmando que somente após a educação desses sentimentos é possível estabelecer uma relação harmoniosa com o mundo exterior e dessa forma construir uma personalidade integrada. Ensinar arte para a pessoa com deficiência é dar oportunidade para que ela se comunique com o mundo.

Para a professora do SARAH, Cláudia Simas, o ensino da arte é importante pois:

A arte estimula a nossa curiosidade amplificando e desarrumando a ordem sugerindo outras possibilidades. Por meio dela nossos sentidos são aguçados e somos capazes de derrubar e direcionar o nosso corpo/alma para organizar novas formas de viver. Quando estamos articulando e experimentando ampliamos a matéria, codificamos e ordenamos novos pensamentos e reflexões. A arte alimenta a subjetividade além de organizar o conhecimento objetivo da história do ser e da existência. Somos capazes de nos apropriarmos deste material cultural e elaborar novas possibilidades.(...) A arte não é um passa tempo ela é um fazer que equilibra e estabiliza os sentidos em momentos em que a vida se torna instável. Pela arte somos capazes de ir além das barreiras e limitações do corpo e ir ao encontro de

novos movimentos. (SIMAS, 2012, p.19).

A arte, no caso da citação a cima, é uma ferramenta de expressão, de comunicação, uma forma de entender a si mesmo e a nova condição física na qual o deficiente físico se encontra.

Para a professora Suzana Elisa da APAE, a arte:

[...] da oportunidade, a todos que queiram, de mostrar a forma de ser, permite questionar, comunicar, conhecer o outro. A arte é direito de todos e a inclusão é fazer o aluno exercer seu papel de cidadão. Permite a interação entre quem faz e quem assiste. Além disso, possibilita mostrar ao estudante o que ele é capaz de fazer. (Anexo I)

Dito isso, educar por meio da arte, é dar oportunidade para que o individuo desenvolva a capacidade de explorar as diferenças, ampliar as possibilidades de comunicação e participação na sociedade, sensibilizando esse individuo para o mundo, onde a partir das experiências que serão narradas e a partir dos teóricos que estudei, será entendido com mais clareza como esse processo ocorre no caso do PNE.

### 3. METODOLOGIA

#### 3.1. ARTE COMO EXPERIÊNCIA: REDE SARAH – UMA POSSIBILIDADE DE REABILITAÇÃO



Figura 4: Imagem do complexo hospitalar da Rede Sarah – Lago Norte/Brasília

A Rede SARAH de Hospitais de Reabilitação surgiu em 1960. Gerido pela Associação das Pioneiras Sociais (APS) – entidade de serviço autônomo, de direito privado e sem fins lucrativos – o SARAH surge como forma de eliminar o passado de país em desenvolvimento e um caminho para uma sociedade mais igualitária.

A Associação, tem como objetivo retornar o imposto pago por qualquer cidadão, prestando-lhe assistência médica qualificada e gratuita, formando e qualificando profissionais de saúde, desenvolvendo pesquisa científica e gerando tecnologia.

O programa de trabalho da Associação tem os seguintes objetivos gerais:

1. Prestar serviço médico público e qualificado da medicina do aparelho locomotor;
2. Formar recursos humanos e promover a produção de conhecimento científico
3. Gerar informações nas áreas de epidemiologia, gestão hospitalar, controle de qualidade e de custos dos serviços prestados;
4. Exercer ação educacional e preventiva visando à redução das principais patologias atendidas pela Rede

O ambiente hospitalar é todo preparado para receber pacientes com diversos tipos de problema no aparelho locomotor. É possível notar por toda parte do hospital o cuidado em tornar o ambiente humano e receptivo: os espaços são amplos, arejados, repletos de vegetação e manifestações artísticas. Por todo o lugar é possível notar obras de arte do artista Athos Bulcão e o cuidado com a arquitetura para promover esse tipo de interação artística e humana idealizada pelo arquiteto João Filgueira Lima (Lelé).

Dentre as obras de arte de artistas renomados, podemos encontrar também os trabalhos concebidos pelos próprios pacientes dentro das instalações do SARA. H.



Figura 5. Corredor do SARA Centro, 2012.

O SARAH é um hospital voltado para a reabilitação e dentro desse contexto de reabilitação, é importante que o processo adaptativo do paciente seja respeitado. O trabalho de reabilitação é feito por profissionais de várias áreas: pedagogia, psicologia, educação física, fisioterapia, educação artística, além de diversas especialidades médicas. Todas essas atividades ocorrem em locais adaptados servindo a pacientes com qualquer tipo de deficiência do aparelho locomotor que o hospital possa vir a receber.

O processo de reabilitação é um processo de entendimento de si com um novo corpo ou com um corpo diferente dos demais. No hospital SARAH esse processo, dentro do ateliê de arte, é visto como uma expansão do corpo. Para Cláudia, a arte na vida do PNE é “ a abertura desses corpos, desvendá-los; descobrir que esse corpo, essa mente são capazes de criar asas. É a capacidade de potencializar corpo e alma onde o sujeito transcende e amplia a sua consciência crítica e criativa.” (Anexo II)

A experiência do laboratório digital criado pela professora Cláudia dentro do ambiente hospitalar do SARAH teve como objetivo:

“(…)promover um melhor aproveitamento da tecnologia digital e, principalmente, devido à dificuldade em manipular os materiais convencionais, buscar um melhor aproveitamento de seus movimentos funcionais. (...) o espaço cibernético promove a plasticidade e a interação de conhecimento, transforma a comunicação. O espaço aberto pelos meios tecnológicos deve ser utilizado por nós educadores em proveito de uma educação voltada para o encontro e para a abertura dos potenciais”(SIMAS, 2012, p. 10).



Figura 6. Pacientes em atividade no ateliê digital. Fotografia: Acervo Foto Imagem Sarah (In SIMAS, 2012)

Dessa forma, o ateliê digital surge como mais uma maneira de incluir e reabilitar o paciente do SARAH. A tecnologia vira uma aliada no processo de redescoberta do corpo e suas novas potencialidades.

Para Renan Prestes, ex-paciente de Cláudia Simas:

“desde que nascemos vivenciamos o mundo pelo nosso corpo (...) depois da lesão existe um descompasso, não é possível experimentar o mundo do mesmo jeito que antes. Essa imagem de si que construímos, que na verdade é uma construção, fica perdida para alguns. A reconstrução passa pela experiência de se desenhar, de se escrever enfim” (apud SIMAS, 2012, p. 24).”

Ao refletir sobre o apontamento da professora Cláudia, assim como do ex-paciente, observo que a questão do corpo precisa ser revista e, conseqüentemente, readaptada para que esse mesmo corpo possa fazer sentido novamente. Desse modo, a professora ao propor um laboratório digital pretende promover aos pacientes um novo encontro com esse corpo que precisa ser ressignificado. Esse processo ocorre, justamente, no encontro com as possibilidades de criação que o ensino da arte promove no ambiente hospitalar.

Nesse sentido, esse laboratório foi criado como mais uma alternativa para a inclusão, muito embora ainda existam aulas convencionais de arte como desenho, pintura e colagem. Todas essas atividades tem o intuito de incluir o paciente, caso este queira, no processo de criação artística. Todos os materiais e ferramentas são adaptadas para a necessidade de cada paciente sem que esse seja excluído. Caso não exista alguma ferramenta adaptada, os profissionais que trabalham na oficina do SARAH, junto com o paciente e a professora de arte, criam um novo objeto. Toda essa preocupação ocorre para que a experiência de fazer e apreciar a arte seja plena, completa.

Para Cláudia, todos as pessoas são capazes de fazer arte e qualquer espaço é espaço para se ensinar e aprender arte. Não importa se essa pessoa não ande. A arte é um bem que deve ser acessível para todos, é “mais do que fazer um exercício visual com sucesso, é qualificar a pessoa para viver uma vida ‘normal’”(Anexo II). Ela ensina arte para a vida do paciente e não como passatempo, ou terapia. Para



ela o objetivo do trabalho é fazer com que o aluno recupere na prática o prazer em ressignificar a si mesmo e a novos conteúdos.



Figura 7. Pacientes do SARAHA durante aula de arte ministrada pela professora Cláudia, 2012

Cláudia aponta ainda que não deveria existir diferença entre ensino regular e ensino especial. O professor que sai da universidade deveria estar bem preparado para lidar com boa parte das situações de diversidade que uma sala de aula possa ter. A não ser em casos muito extremos em que a pessoa esteja completamente impossibilitada de conviver em grupo – como no caso de uma lesão cerebral grave em que a pessoa tenha necessidades fisiológicas que devam ser atendidas imediatamente, por exemplo – todos os tipos de diversidade deveriam ser aceitas em sala de aula. Para ela, o professor não sai da universidade nem preparado para casos simples como também para casos mais complexos de necessidade especial. Ao longo do curso de arte, pude observar que não existe quase nenhum tipo de abordagem relacionada a Ensino Especial, o que comprova a observação feita pela professora Cláudia sobre a falta de preparo com que os profissionais de licenciatura saem da universidade.

O impacto que a arte tem na vida da pessoa com deficiência física é o de descobrir que mesmo que o corpo tenha limitações físicas ele continua sendo capaz de criar e de ter uma consciência crítica.

No SARAH, o aluno não é visto como uma pessoa excepcional, ele é uma pessoa comum com dificuldades diferentes, tão capaz de atingir os objetivos a que a arte se propõe como qualquer outra pessoa.



Figura 8. Paciente segurando seu trabalho

### 3.2. ARTE COMO EXPERIÊNCIA: APAE – UMA POSSIBILIDADE DE INCLUSÃO



Figura 9. Vista da entrada da APAE/DF.

A APAE é uma organização não-governamental sem fins lucrativos criada por pais, professores e amigos de portadores de necessidades especiais em busca de uma assistência de ensino adequada. Caracteriza-se por ser uma organização social, cujo objetivo principal é promover a atenção integral à pessoa com deficiência. A APAE/DF foi criada em 1964 e atende pessoas com deficiência intelectual e múltipla acima dos 14 anos de idade. Os principais programas estão voltados para o atendimento sócio-ocupacional, a educação profissional, a inclusão e o acompanhamento no mercado de trabalho. Dessa forma, o ensino de arte na APAE se diferencia do ensino de arte no SARA, pois seu objetivo é contribuir para que o portados de necessidade especial saia da escola capacitado para atuar no mercado de trabalho. Na APAE o PNE já está familiarizado com seu corpo, já conhece sua deficiência, já sabe alguns caminhos e alternativas para superar suas

dificuldades, ele precisa de apoio, de fortalecer sua auto estima para se integrar na sociedade.

A APAE/DF define sua proposta pedagógica buscando a educação profissional da seguinte forma: Programa de Educação Profissional e Trabalho consiste em preparar o aprendiz para o ingresso no mercado de trabalho; Programa Acadêmico (do qual as aulas de artes fazem parte) que visa desenvolver conhecimentos acadêmicos que não foram oferecidos ou não foram bem assimilados durante a vida escolar do aprendiz, mas que são importantes para capacitá-lo para o ingresso no mercado de trabalho; Programa de atendimento Sócio-Ocupacional que foi criado como alternativa de atendimento para pessoas com deficiência em processo de envelhecimento e/ou mais comprometimentos intelectuais.



Figura 10. Exposição de Artes da Semana Nacional da Pessoa com Deficiência Intelectual e Múltipla .

A principal preocupação da organização é dar oportunidade para que o PNE encontre ferramentas para ser incluído no mercado de trabalho e conquistar sua independência e autonomia, dentro do que é possível.

No Programa Acadêmico, a aula de artes visuais, busca desenvolver no aluno habilidades como: memória, concentração, raciocínio lógico e espacial, aprender a

trabalhar em grupo e a lidar com opiniões diferentes; e dessa forma, servir como mais uma ferramenta educativa para diferenciar e preparar o aprendiz para ser aceito e competir no mercado de trabalho.

A APAE vê O PNE como alguém que tem direito de se posicionar e atuar na sociedade. A deficiência não é impedimento para que a pessoa conquiste seu espaço no mundo, diferentemente da proposta do SARAH que se preocupa em reabilitar o paciente, torná-lo capaz de participar do mundo novamente redescobrando seu próprio corpo. Na APAE, o aluno já está familiarizado com a deficiência, ele precisa de ferramentas para atuar na sociedade. Em ambos os casos, a principal preocupação é a inclusão.

Foi na APAE/DF que escolhi fazer a disciplina obrigatória de Estágio Supervisionado 3. Ao longo do curso de artes senti necessidade de conhecer como era tratado o ensino de arte na Ensino Especial. Não me foi oferecida nenhuma matéria específica voltada para esse público e, uma vez que o ponto inicial para que eu escolhesse cursar Licenciatura em Artes Visuais foi o meu contato pessoal com a arte e o PNE então, optei por fazer a disciplina de Estágio nessa instituição.

Na disciplina de Estágio 3, o aluno deve elaborar um plano de aula para que possa lecionar dentro de alguma instituição de ensino, a sua escolha, por um determinado período de tempo. O trabalho que desenvolvi com os alunos da APAE foi a confecção de uma caixa de origami que seria usada para decorar a porta de duas salas da instituição. Paralelamente, foram feitos corações de origami que foram realizados por um colega de turma de Estágio 3 que também fez o estágio nessa mesma organização, porém, em outra turma. Ao final, esses corações, junto com a caixa, foram usados com o objetivo de formar um resultado coletivo, a partir do fazer artístico de duas turmas, que pode ser observado na figura abaixo.



Figura 10. Trabalho de origami feito pelos alunos da APAE, 2011.

O objetivo esperado com o trabalho de origami foi, justamente, o desenvolvimento da concentração, exercício de paciência, treinar habilidades motoras, usar criatividade, socializar e aprender a criar um objeto em grupo que pudesse ser comercializado. A preocupação em se trabalhar em grupo foi possibilitar a criação de um ambiente dinâmico de aprendizagem como é proposta a teoria interacionista de Vygotsky em um aluno pudesse ajudar o outro a conquistar uma nova etapa de desenvolvimento.

A turma em que foi feita o estágio foi a 4ª série do Ensino Fundamental. Os alunos tinham diferentes idades e deficiências.

O trabalho artesanal da confecção de caixas de origami pelos alunos da APAE, buscou aproximá-los do potencial que existe no trabalho manual e a forma como esse trabalho pode afetar suas vidas. Depois desse trabalho, os alunos ficaram mais confiantes com relação a sua produção manual gerando com isso a possibilidade de transformarem essa habilidade desenvolvida em uma forma de se profissionalizar.

Sobre a importância do fazer artístico, a professora Suzana aponta que:

“A arte contribui para o pensamento, concentração, permite ao aluno aprender a questionar, criticar, refletir e perceber o mundo ao seu redor. Desenvolve o senso estético, ensina a respeitar a diversidade e a saber se posicionar no mundo como cidadão. Possibilita também, por meio do artesanato, da pintura, o acesso à vida profissional.”(Anexo I)

Essa visão da professora, reforça a importância que a arte pode vir a ter na vida do PNE e como esse trabalho pode ser importante para garantir a inclusão dessa pessoa na sociedade.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A arte, no contexto da Ensino Especial, é importante não apenas como conhecimento cultural, mas também por ser uma possibilidade de inclusão; é imaginação, criação, emoção, características presentes em todos os seres humanos independente de suas limitações físicas ou mentais.

Na rede SARAHA a maior parte dos pacientes atendidos possuem as capacidades mentais preservadas (o SARAHA atende também portadores de lesão cerebral) já na APAE, a maior parte dos alunos é composta por pessoas com sérias dificuldades de aprendizado. Em ambos os casos, se ensina e se pratica arte. No SARAHA a arte é vista como forma de desenvolver a pessoa para a apreciação e para o fazer artístico. A APAE também apresenta esse foco, porém com uma ênfase maior na inclusão do aluno na sociedade, no mercado de trabalho. Nos dois casos, se busca a inclusão: seja dando voz ou desenvolvendo a pessoa para viver em sociedade. Seja em uma escola ou em um hospital, a arte tem o papel de abrir novos espaços criativos, favorece a comunicação e a interação.

Indivíduos que são excluídos pela sociedade por serem diferentes são novamente reintegrados podendo criticar, expressar e participar do mundo em quem vivem. Tanto o SARAHA quanto a APAE tem essa preocupação de reintegrar o PNE. Possibilitar esse acesso, é respeitar as diferenças, é reconhecer o outro como um ser com potencial participativo apesar de suas limitações.

Ensinar por meio da arte pode acontecer em qualquer espaço com qualquer pessoa. A arte não está presente somente em museus, universidades ou escolas regulares. É possível ensinar e apreciar arte também em hospitais ou em salas de



aula repletas de pessoas com dificuldade de aprendizagem e qualquer um, que assim deseje, pode fazer ou apreciar a arte.

Apesar de existirem muitas leis que tratem da inclusão do PNE, ainda precisamos batalhar muito para garantir que essas pessoas sejam ouvidas e deixem de ser discriminadas. Há mais de um século que se fala sobre Ensino Especial mas há pouco mais de 20 anos que se fala de inclusão. Ainda existe muita coisa que pode ser feita para garantir equidade social. O ambiente educacional precisa ser reconhecido fora dos meios formais e dessa forma, podemos ampliar o acesso a educação para um número cada vez maior de pessoas.

A Ensino Especial tem como objetivo atender com qualidade alunos que precisarão de tempo para desenvolver seu potencial e aprendizado. A questão da Ensino Especial se refere ao tempo: tempo de se ensinar e tempo para aprender. Esse tempo deve ser respeitado.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Ana Mae. *Arte-Educação no Brasil: Realidade hoje e expectativas futuras*. Estud. av., São Paulo, v.3, nº7, 1989. PDF.

BRASIL. Constituição Federal de 05 de outubro de 1988.

BRASIL. Lei nº 9.394, de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

BRASIL. Resolução CNE/CEB, nº 2, de 11 de fevereiro de 2001. Institui Diretrizes para a Ensino Especial na Educação Básica.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: arte/Secretaria de Educação Fundamental*. – Brasília: MEC/SEF, 1998.

DAVIS, C., OLIVEIRA, L. *Psicologia na educação*. 2ed. São Paulo: Cortez, 1994.

DEWEY, John. *Arte como experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2010

FUSARI, M.; FERRAZ, M. *Arte na educação escolar*. São Paulo: Cortez, 1993.

LEODORO, Juliana Pires. *Inclusão escolar e formação continuada: o programa Educação Inclusiva: direito à diversidade*. 118 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2008. PDF.

LOPES, Ana (org). *Diversidade na arte: olhares sobre uma prática*. 1. Ed. Rio de Janeiro: Instituto Helena Antipoff, 2008.

PEREIRA, K.átia.Regina.; TACCA, Maria Carmen. *Dificuldade de aprendizagem? Uma nova compreensão a partir da perspectiva histórico-cultural*. In: Encontro de Pesquisa em Educação da Universidade Federal do Piauí, 6. 2010. PDF

SANTANA, Cláudia. *A Arte e Educação Inclusiva: uma possibilidade real*. Curitiba: IESDE, 2004

SILVA, Daniele (org). *Ensino Especial: memórias e narrativas docentes*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Educação, 2005.

SIMAS, Cláudia. *Arte e Reabilitação: Fazendo brotar emoção com ajuda de aparato digital*. 168 f. Tese (Doutorado em Arte e Tecnologia) – Instituto de Artes, Universidade de Brasília, 2012. PDF.

Declaração de Salamanca. C1994. Disponível em:

<<http://www.portal.mec.gov.br/seep/arquivos/pdf/salamanca.pdf>>. Acesso em: 02 dezembro 2012.

Escolinha de arte no Brasil. C2011. Disponível em:

<[http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia\\_ic/index.cfm?fuseaction=marcos\\_texto&cd\\_verbete=3757](http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=marcos_texto&cd_verbete=3757)>. Acesso em: 06 fevereiro. 2013.

Lesão medular – SARA. Disponível em:

<[http://www.sarah.br/paginas/doencas/po/p\\_08\\_lesao\\_medular.htm](http://www.sarah.br/paginas/doencas/po/p_08_lesao_medular.htm)>. Acesso em: 28 fevereiro 2013

## ANEXO I

### Questionário Professora Suzana – APAE

#### Docência

1) Porque optou por estudar artes?

Desde pequena eu tinha aptidão para a arte. Era autodidata na pintura e participava de concursos de arte desde os 13 anos. Me formei em Administração e queria trabalhar na área de marketing. Um ano antes de me formar em administração, comecei a faculdade de educação artística. Me formei em artes e comecei uma especialização em arte-terapia na Universidade Federal de Goiania.

2) Como se tornou professora? O que impulsionou a fazer essa escolha?

Optei pela profissão de professora porque preferi ensinar arte do que ser artista. Sabia que tinha habilidade, mas que precisava conhecer o método. Além do mais acredito no papel mediador do professor .

3) O que impulsionou a optar pela Ensino Especial?

Quando comecei o curso de arteterapia me dispus a conhecer um pouco mais a respeito da Ensino Especial.

4) Quais os desafios e dificuldades da Ensino Especial?

a) Com relação à estrutura física da escola.

Com relação à estrutura e material não tem nada que falte. A parceria com os pais é muito boa e no início do ano letivo eles sempre se dispõem a comprar material. Os materiais com os quais eu trabalho são simples: tinta guache, papel sulfite, etc. É possível criar com as condições existentes.

b) Com relação às deficiências dos estudantes.

Todos os indivíduos tem potencial. Não existe perfeição. Tudo arruma. O desafio de aprendizagem é momentâneo.

c) Com relação às leis e apoio ou incentivo do Estado.

As leis devem estar em sincronia com a realidade. O maior problema está na aplicação das leis como a questão da melhoria do transporte para o aluno ir até a escola, rampas de acesso. Existe uma mobilização do governo em propor mudanças, mas essas propostas devem ser aplicáveis.

- 5) Qual o papel do professor no processo de aprendizagem do estudante com necessidades especiais?

O professor é um facilitador da aprendizagem e está lado a lado com o aluno.

### Arte na Ensino Especial

- 1) De que forma o ensino de arte pode trabalhar a inclusão?

A arte da oportunidade, a todos que queiram, de mostrar a forma de ser, permite questionar, comunicar, conhecer o outro. A arte é direito de todos e a inclusão é fazer o aluno exercer seu papel de cidadão. Permite a interação entre quem faz e quem assiste. Além disso, possibilita mostrar ao estudante o que ele é capaz de fazer.

- 2) Quais as contribuições do ensino de arte na vida prática do estudante portador de necessidade especial?

A arte contribui para o pensamento, concentração, permite ao aluno aprender a questionar, criticar, refletir e perceber o mundo ao seu redor. Desenvolve o senso estético, ensina a respeitar a diversidade e a saber se posicionar no mundo como cidadão. Possibilita também, por meio do artesanato, da pintura, o acesso à vida profissional.

- 3) De que forma o ensino de arte pode ser considerado um diferencial em relação ao estudante de escola regular?

Somente com relação aos recursos para viabilizar as atividades de arte.

- 4) O que representavam as aulas de arte para os estudantes?

É uma área do conhecimento pela qual o estudante deve passar e que possibilita a interdisciplinaridade.

## ANEXO II

### Questionário Professora Cláudia - Sarah

#### Docência

1) Porque optou por estudar artes?

Quando eu tinha 3 anos minha mãe veio para Brasília em 1960, junto com os primeiros professores que vieram na época da construção de Brasília, e abriu uma escola de arte na Aliança Francesa (foi cassada no golpe militar) que era referência na capital. Eu frequentava essa escola e dela nunca mais sai. Fiz faculdade de artes no Dulcina onde a Renné Simas era chefe de departamento.

2) Como se tornou professora? O que impulsionou a fazer essa escolha?

Aos 16 anos eu já era professora de arte na escolinha de arte. Dei aula no Dulcina, na escolinha de arte da Aliança Francesa e em outras escolas de Brasília mesmo sem ter me formado, porque naquela época havia poucos professores de arte. Aos 23 fui dar aula no Maristão Quando entrei no Maristão eu dava aula com um título provisório do Mec. Depois fiz o concurso para a secretaria de educação e por treze anos fui professora da rede pública.

3) O que impulsionou a optar pela Ensino Especial?

Eu sou uma professora de arte que dá aula em todos os espaços, em todo lugar.

4) Quais os desafios e dificuldades no cotidiano da Ensino Especial?

a) Com relação à estrutura física do hospital.

Com relação ao espaço físico o hospital Sarah dá todo apoio e suporte. Aqui não temos nenhum problema com relação a isso. Ao longo dos anos a equipe foi entendendo a importância das aulas de arte.

b) Com relação às deficiências dos estudantes.

Se as universidades, faculdades, aproveitassem, repassassem todo o conhecimento para os estudantes de todas as áreas, você não estaria me fazendo essa pergunta. Porque, na verdade, como você faz licenciatura em artes plásticas você provavelmente não foi a um laboratório de biologia. Acaba que o professor não é formado nem pra casos de não haver nenhuma lesão, deficiência do corpo como também para coisas mais complexas que esse corpo possa ter. A questão é que nós estamos sendo mal formados. Todos nós temos alguma dificuldade. É importante que o professor estivesse saindo da Universidade com base, aí não existira essa distinção entre ensino regular e ensino especial. Tem que sair bem formado.

c) Com relação às leis e apoio ou incentivo do Estado.

Talvez isso seja mais complicado do ponto de vista do paciente porque ele fica sem trabalho, recebe do INSS, que é muito pouco, vai precisar de apoio de remédio, por exemplo. Além da falta de acesso aos Centros Culturais que não possibilitam à pessoa com necessidade especial vivenciar a arte.

5) Qual o papel do professor no processo de aprendizagem do estudante com necessidades especiais?

Acho que o espaço da arte é um espaço feliz. Eu acho que tenha uma força muito grande. Eu meço pelo correio eletrônico pela troca que existe com os pacientes que deixaram de ser há muitos anos. Quando falta o professor de arte no ambiente hospitalar fica um buraco muito grande para o paciente porque eles reclamam muito quando a gente tira férias. E o trabalho cresceu em 9 anos, agora somos 3 professoras, tem professoras de arte, tem professora em Belo Horizonte, no Rio de Janeiro. Eu não acredito que esse trabalho cresceu se não tivesse a resposta nos pacientes.

Arte na Ensino Especial



Falar de inclusão Me remete muito ao que é ser profissional. Tem que ser muito bom. “Qualquer coisa” não vale. “Qualquer coisa” desqualifica. Quando eu falo de arte é mais do que conseguir realizar um exercício visual com sucesso. O processo que essa pessoa desencadeia por meio da arte. Eu espero que esse paciente seja excepcional em sua área. Não porque ele seja “deficiente”, mas porque de fato faz com competência. Tem que ter qualificação, não pode ser menos que isso. O trabalho aqui não é ocupação do tempo. É uma apresentação desse mundo estético, desse homem que se expressa. Não interessa com que parte do corpo ele vai trabalhar, com o pé, com a boca, mas que ele seja “bom” trabalhando. Que os pacientes recuperem na prática o prazer em ressignificar novos conteúdos.

- 1) Quais as contribuições do ensino de arte na vida prática do estudante portador de necessidade especial?

Acho que é a abertura desse corpo, desvendá-los. Descobrir que esse corpo essa mente são capazes de criar asas. É a capacidade de potencializar corpo e alma onde o sujeito transcende e amplia a sua consciência crítica e criativa.

- 2) De que forma o ensino de arte pode ser considerado diferente em relação ao estudante de escola regular?

O mundo teórico não pode estar separado da experimentação. Quando as escolas fecharam os ateliês as escolas criaram esse buraco entre corpo e mente. Acho que pode melhorar se resgatar esse universo de experimentação. Os alunos necessitam de uma vivência experimentada pelo corpo por meio de estímulos oferecidos pelos ateliês, laboratórios como estímulos sensoriais. Só a observação não é capaz de entender o corpo. Acho que é isso que falta nas escolas e que existe aqui no Sarah.

- 3) O que representavam as aulas de arte dentro do ambiente hospitalar?

Os estudantes que foram objetos de estudo na minha pesquisa disseram me que não imaginavam vir para um hospital e encontrar com o fazer arte e que de repente “eles se viram sem conseguir sair da sala de arte”. A arte para eles promove sair dessa prisão das limitações do corpo, permitindo a pessoa se

libertar das prisões, algumas decorrentes de lesões, patologias e outras sócio-cultural.

- 4) Como você pensa a Ensino Especial? Explique o que você acha que caracteriza a Ensino Especial, a quem se destina, para que serve, se ela é o deveria ser diferente do ensino regular, etc.

Eu penso que a Ensino Especial existe para atender com melhor qualidade aos alunos que precisão de tempo para desenvolver seu potencial e aprendizado. Não acredito que tenha que ser diferente do ensino regular, a questão principal é possibilitar o professor a elaborar a atividade e ter tempo e amor para desenvolver com particularidade os objetivos propostos é não permitir deixar ninguém de fora.